

Sexta-feira, 23 de Novembro de 1956

RUBEM BRAGA

TIROS, CÃES

NOVA YORK, novembro (Pela Varig) — Duas coisas me impressionaram na televisão norte-americana. Uma é triste: o dia inteiro, em uma porção de estações, há filmes de «cow-boy» ou policiais. E' tiro, é sóco, é pontapé, é morte, é um espetáculo permanente de violência e de crime. Não estarei descobrindo a pólvora dizendo que o cinema e a história em quadrinhos encontraram na televisão o cúmplice ideal para aumentar a delinquência juvenil. E' impossível não imaginar que efeito ruim terá sobre espíritos menos fortes essa interminável sucessão de surras e assassínios, essa monótona barulheira de estampidos e baques de corpo. Estranha-se menos o que dizem os diretores de uma associação médica no jornal de hoje: 10 por cento dos habitantes das grandes cidades são desequilibrados mentais.

Um pouco por tôda parte, e na própria televisão, os americanos fazem campanha contra a delinquência infantil. Não escondem o mal: enfrentam-no. Mas essas almas bondosas que pagam diariamente minutos de televisão com pequenos «shorts» edificantes, me parecem de uma evangélica inutilidade diante da enxurrada de «westerns» estúpidos e brutalizantes.

A segunda coisa que me espantou na televisão americana foi a abundância de anúncios de... comidas para cachorro. Volta e meia aparece uma lourinha mostrando um pacote, tirando de lá alguma coisa que joga para o cão e este come feliz. Montes de dólares são gastos diariamente para anunciar as diferentes marcas de «dog food». Isso mostra o carinho imenso do povo pelos cães, uma das coisas mais simpáticas do americano. Na porta de uma elegante loja da Quinta Avenida há um pequeno bebedouro de água corrente, com o nome de «dog bar». Vi mais de uma loja especializada em artigos e brinquedos para cachorro e gato. E o americano, que não pára na rua para ver essas compridas, lindas mulheres que Deus lhe deu, às vezes pára para olhar um cão que passa puxado pelo dono vaidoso.